

«Porque para todo o propósito há seu tempo e juízo;
porquanto a miséria do homem pesa sobre ele.» (Ecl. 8:6)

Eclesiastes

Boletim Trimestral

Vocacionado para a Doutrina
e Devoção Espiritual

Responsabilidade:

Igreja em Oleiros.

É gratuito.

Número 12. 07-09/1999

Palavras do Pregador... Eclesiastes 1:1

Homens Revolucionários...

É impressionante o testemunho deixado pelos historiadores que narraram os factos ocorridos no primeiro século da nossa Era, no que respeita à Igreja de Deus. Não obstante, alguns deles serem incrédulos quanto à fé cristã, não deixaram de atestar a veracidade dos factos, que são um importante testemunho para todos os tempos.

Todos concordam que o cristianismo veio na altura certa. A degeneração moral no Império Romano era sem precedentes. As extravagâncias, a luxúria, as injustiças, os abusos à pessoa humana, entre incontáveis vícios, era uma constante diária.

A vinda de Cristo ao mundo e a revolução que ela provocou na sociedade de então, vieram alterar o rumo dos acontecimentos.

Pág. 9 – Página Devocional

A PROVISÃO DE DEUS

Perguntas que Deus Responde:

«Onde está o cordeiro para o holocausto? Deus proverá para si o cordeiro!» (Gén. 22:7-8)

«Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.» (Joa. 1:29)

«E olhei, e eis que estava em pé, no meio do Trono... um Cordeiro...»
(Apo. 5:6)

Neste Número:	Neste Número:
♦ Editorial – “Eclesiastes,” 2;	♦ Página Literária, 16;
♦ Página de Genéricos, 5;	♦ Página Científica, 18;
♦ Página Feminina, 13;	♦ Página Doutrinária, 19.

Editorial

Eclesiastes

“Eu, o pregador, fui rei sobre Israel, em Jerusalém...”
(Eclesiastes 1:12).

Um Mar de Ansiedades...

“Todos os rios vão para o mar, e contudo o mar não se enche...” (Ecl. 1:7 a)

«Não há coisa mais incerta que a vida... nem coisa mais certa que a morte!» Este velho ditado popular retrata bem o que é a vida humana numa perspectiva mundana.

Presumo que, um dos efeitos mais nefastos que o pecado produziu no homem, além da sua inimizade com

Deus, e do homem com o homem, foi a inimizade que o homem passou a ter consigo mesmo. O pecado dividiu o homem de Deus, o homem do homem, e o homem consigo próprio.

Vejamos os testemunhos Bíblicos:

«Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim. Acho então esta lei em mim, que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus; Mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros. Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?» (Rom. 7:20-24)

«Digo, porém: Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne.

Porque a carne cobiça contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes opõem-se um ao outro, para que não façais o que quereis.» (Gál. 5:16-17).

Cristo, com a Sua Obra, reconciliou-nos com Deus (II Cor. 5:18-19), reconciliou-nos com as coisas de Deus (Col. 1:20), reconciliou o homem com o homem (Efé. 2:16), e reconciliou o homem consigo mesmo (Col. 1:21). O homem, em Cristo, encontra-se a si mesmo. E, a ordem é esta: só nos reconciliamos connosco mesmos se nos reconciliarmos com Deus. Doutra sorte, a vida humana não passará de uma grande desilusão. Nada satisfaz, nada preenche, nada realiza.

O nosso Pregador, “Eclesiastes”, faz uma referência ao mar, como se fosse o coração humano: todos os rios da vida vão dar ao mar, no entanto, ele não se enche!

O mar, nas Escrituras representa o mundo sem

Deus: o mundo afectado pelo pecado. A primeira referência indirecta aos mares, em Génesis 1:2, o Espírito de Deus estava sobre eles... isto é, separado, ou não integrado no mundo. Por isso, Deus fez separação de águas e águas (6-8). Esta ocorrência é uma figura da morte de Cristo (separação), provocada pelo mundo!

Depois, Deus faz surgir do mar porção seca (9-13), que é uma figura do que Deus está a fazer no mundo: resgatar e salvar aqueles que n’ Ele confiam, retirando-os do mundo: natureza, efeitos e castigo.

Se Génesis é um quadro do que seria o mundo sem Deus, e o que ele passou a ser com a intervenção divina, Eclesiastes é uma descrição autêntica dessa vida sem Deus.

Tiago, na sua Epístola, também faz uma referência ao mar: as ondas do mar! E diz: ***«o que duvida é como as ondas do mar, que é levado pelo vento, e lançado de uma***

para outra parte» (Tiago 1:6).

Sobre o mar, ainda lemos, que se assenta a “Grande Prostituta” (Apo. 17), a “Grande Babilónia”, a mãe de todas as abominações espirituais. Esta é uma figura da Crisandade sem Deus que está plenamente identificada com o mundo.

No entanto, é consolador verificar que o nosso Senhor, quando andou neste mundo, nunca se deixou contaminar com o mundo. Lemos d’ Ele que andou sobre as ondas do mar (Mar. 6:47-51), o que é uma ilustração bela da sua superioridade em relação ao mundo. E, a sua voz é mais forte que as vozes do mundo: «é a voz de muitas águas» (Apo. 1:15).

Na eternidade, Deus vai, não somente retirar o pecado, como também vai remover todos os efeitos que o pecado produziu no homem e no mundo. Haverá novos céus e nova terra, e onde «o mar não existirá» (Apo. 21:1). Por outras palavras: não haverá

mais separação entre o homem e Deus, nem do homem com o homem, nem do homem consigo mesmo. Não haverá mais insatisfação, pois não haverá mais nada para encher, pois viveremos noutras águas: na «abundância das fontes das águas da vida» (Apo. 7:17), que brotará do Trono de Deus (Apo. 22).

Daí o convite do próprio Deus: «Vinde às águas...» (Idem, 22:17), porque O Senhor dá dessas águas a todos os que vêm a Ele (Idem, 21:6). Chegemo-nos ao Trono da Graça... (Heb. 4:16). Não há motivos para o crente andar navegando sem direcção neste mundo, «levado em roda» (Efé. 4), «de uma para outra banda» (Tia. 1), sujeito a naufragar (I Tim. 1:19). Andemos sobre as águas, firmes, com os olhos fixos em Jesus. E nada nos fará abalar: seja o presente, seja o futuro, porque tudo está nas mãos do nosso Deus.

VPP

TÓPICOS PARA MEDITAÇÃO

“O Pai da Família”

Mateus 10:25; 13:27,52; 20:1,11;
21:33; 24:43.

Lucas 12:39; 13:25; 14:21; 22:11.

1. **A Casa do Pai:** «Quando o pai de família se levantar e cerrar a porta, e começardes, de fora, a bater à porta, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos; e, respondendo ele, vos disser: Não sei de onde vós sois» (Luc. 13:25) – A porta vai fechar;

2. **As Bodas do Pai:** «E, voltando aquele servo, anunciou estas coisas ao seu senhor. Então o pai de família, indignado, disse ao seu servo: Sai depressa pelas ruas e bairros da cidade, e traz aqui os pobres, e aleijados, e mancos e cegos.» (Luc. 14:21) – Os que recusarem não entram;

3. **Os Campos do Pai:** «E os servos do pai de família, indo ter com ele, disseram-lhe: Senhor, não semeaste tu, no teu campo, boa semente? Por que tem, então, joio?» (Mat. 13:27) – Trabalho intenso;

4. **Os Tesouros do Pai:** «E ele disse-lhes: Por isso, todo o

escriba instruído acerca do reino dos céus é semelhante a um pai de família, que tira do seu tesouro coisas novas e velhas.» (Mat. 13:52) – Da Palavra de Deus tiramos coisas novas e velhas, mas todas boas;

5. **Os Trabalhadores do Pai:** «Porque o reino dos céus é semelhante a um homem, pai de família, que saiu de madrugada a assalariar trabalhadores para a sua vinha.» (Mat. 20:1) – O Pai recompensa aqueles que colaboram com Ele; (Mat. 6:4,6,16).

6. **A Propriedade do Pai:** (A Vinha) «Ouvi, ainda, outra parábola: Houve um homem, pai de família, que plantou uma vinha, e circundou-a de um valado, e construiu nela um lagar, e edificou uma torre, e arrendou-a a uns lavradores, e ausentou-se para longe.» (Mat. 21:33) – Deus reclama que a sua propriedade lhe seja entregue íntegra;

A Vigilância dos Servos do Pai: «Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa.» (Mat. 24:43) – Cuidados a ter como servos...

ILUSTRAÇÕES

«Calúnias»

Quando D. L. Moody dirigia campanhas evangelísticas através da nação, encontrava-se frequentemente com inquiridores enfadonhos que se mostravam em violenta discordância com a sua doutrina.

No último culto duma campanha um porteiro entregou na mão do famoso evangelista uma nota, quando ele entrava no auditório. Supondo tratar-se dum anúncio, Moody silenciou a numerosa assistência e preparou-se para ler a notícia. Ao abrir o bilhete encontrou apenas uma palavra: "Néscio!"

Contudo, o pregador correspondendo ao desafio, disse: «Isto é muito invulgar. Foi-me entregue uma mensagem com apenas uma palavra: "néscio." Repito, isto é muito invulgar. Tenho ouvido com frequência falar daqueles que escrevem cartas e se esquecem de assinar. Esta, porém, é a primeira vez que vejo de alguém que assinou o seu nome e se esqueceu de escrever a carta!» E, tirando vantagem da situação, Moody prontamente mudou a seu sermão para falar sobre o texto: «Disse o néscio no seu coração: Não há Deus.»

“Mensajeiro Moody”

Como lamentamos o espírito com que alguns frequentam os nossos cultos a Deus.



«Célebre Pregador»

Peter Mackenzie, já falecido, falando em certa ocasião a alguns fazendeiros no Este de Anglia, disse: «Há certos homens que se parecem muito com os porcos. Estes animais nunca podem olhar para cima, senão quando jazem de costas...»

Muitos dos fazendeiros nunca haviam notado essa particularidade dos porcos. Mas, ao voltarem para casa, foram verificar o facto, e viram que era verdade. O pregador, aplicando essa ilustração original, acrescentou: «Homens há tão sórdidos, tão agarrados às coisas baixas da terra, que não podem ser induzidos a elevar os olhos para cima, para o céu e para as coisas santas, senão quando O Senhor faz com que as aflições os atirem de costas...»

L.C., XXV, 1930.

Sermões Breves...

Naturezas e Frutos
Contrários!

“Então sua mulher lhe disse: Ainda reténs a tua sinceridade? Amaldiçoa a Deus, e morre. Porém ele lhe disse: Como fala qualquer doida, falas tu; receberemos o bem de Deus, e não receberíamos o mal? Em tudo isto não pecou Jó com os seus lábios.” (Job 2:9-10)

“E os outros homens, que não foram mortos por estas pragas, não se arrependeram das obras de suas mãos, para não adorarem os demónios, e os ídolos de ouro, e de prata, e de bronze, e de pedra, e de madeira, que nem podem ver, nem ouvir, nem andar. E não se arrependeram dos seus homicídios, nem das suas feitiçarias, nem da sua prostituição, nem dos seus furtos.” (Apo. 9:20-21)

«Pelos frutos os conhecereis...» (Mateus 7:16).

Estas são reacções distintas, e caracterizam o tipo e a natureza da pessoa em causa. O crente fiel não se deixa abalar pelas circunstâncias. Em qualquer caso, dá glória a Deus. Mas, o infiel e insubordinado a Deus amaldiçoa a sua vida, e não se arrepende dos seus erros.

O Senhor nos ajude a identificarmo-nos com os que O honram.



Disciplina...

Que é feito da disciplina?

“Porque, que tenho eu em julgar também os que estão de fora? Não julgais vós os que estão dentro?” (I Cor. 5:12)

“E falem dois ou três profetas, e os outros julguem.” (I Cor. 14:29)

Uma das áreas onde a Igreja está a falhar mais nos últimos anos, é na área da disciplina. Não se compreende a impulsividade com que se assiste à invasão desmedida dos pecados mais gravosos do mundo sem nada contrariar: pecados que assusta o

mundo! Já não é o mundo que invade e influência a Igreja; o mundo domina a Igreja com os seus pecados mais horrendos.

E, porque será que, os disciplinados continuam nas igrejas como se nada se passasse? Como se o pecado não tivesse passado por eles!

Permitam-me fazer algumas reflexões:

1. A disciplina não está a ser aplicada. Nas Escrituras a disciplina é um corte radical daquele que vive em pecado. A disciplina é um corte que é feito no membro da Igreja, deixando-o fora da protecção que Deus exerce sobre a Igreja no mundo, entregando-o a Satanás. (I Cor. 5:5; I Tim. 1:20). Dessa forma, o disciplinado é considerado como um descrente, com o qual, "nem se deve comer" (I Cor. 5:11). Ora, parece que nada disto se está a fazer. Teme-se os radicalismos. Mas, será que Deus não foi radical com o pecado? Ou a questão é interesses nada condizentes com a natureza santa de Deus? Mas Deus não fez cair o juízo sobre o Seu próprio Filho? Ou será que temos valores mais importantes que a Glória de Deus? Creio que os Anciãos terão muito a explicar a Deus pela sua falta de exercício da disciplina na Obra de Deus.

2. Não há autoridade em quem exerce a disciplina. E este ponto é o mais sério que podemos suscitar. Infelizmente, o rebanho de Deus, em alguns casos, não tem sido cuidado por

pastores que servem o rebanho de Deus, mas por mercenários que se servem do rebanho de Deus. I Timóteo 3 é claro em dizer que não basta ter vocação para se ser bispo: é preciso conduta. Outros, não têm conduta, nem vocação; têm simplesmente um "canudo" (um curso)! E, lamentavelmente os que deveriam estar a exercer a justiça não o podem fazer porque estão comprometidos. E, isto, normalmente, porque se envolvem em demasiadas coisas, e em coisas que não deviam.

3. Por outro lado, a disciplina, quando é exercida, não produz os seus efeitos, que é a convicção do pecado, o arrependimento, o abandono do mesmo e a reintegração na comunhão dos crentes. Não tenho dúvidas de que aqueles que, depois de disciplinados, insistem em continuar no pecado, nunca se converteram. É um factor fundamental do novo nascimento.

Em suma: A disciplina não está a ser aplicada; Não há autoridade espiritual naqueles que exercem a disciplina; e, a disciplina não está a produzir os seus efeitos.

O Senhor nos proteja do espírito que caracteriza as igrejas dos últimos dias, e nos dê pastores segundo o seu coração, sábios e corajosos na aplicação da justiça da Sua Palavra.

Homens Revolucionários...

*«Estes
que têm alvoroçado o mundo,
chegaram também aqui.»
(Actos 17:6)*

É impressionante o testemunho deixado pelos historiadores que narraram os factos ocorridos no primeiro século da nossa Era, relativamente à Igreja de Deus. Não obstante alguns deles serem incrédulos quanto à fé cristã, não deixaram de atestar a veracidade dos factos, que são um importante testemunho para todos os tempos.

Todos concordam que o cristianismo veio na altura certa. A degeneração moral no Império Romano era sem precedentes. As extravagâncias, a luxúria, as injustiças, os abusos à pessoa humana, entre incontáveis vícios, eram uma constante diária.

A vinda de Cristo ao mundo e a revolução que ela provocou na sociedade de então, vieram alterar o rumo dos acontecimentos.

Vejamos alguns testemunhos:

Na expansão do Evangelho na Ásia Menor, há relatos de que a conversão dos povos levou ao abandono das

práticas pagãs de sacrifícios aos ídolos, de tal modo que os lavradores queixaram-se ao imperador de que «não havia venda para os bois criados para os sacrifícios, e que estavam arruinados por causa do pestífero culto de Cristo, heresia infame que destruiria o Império». A queixa chegou aos ouvidos do Imperador em Roma, Trajano, que mandou uma ordem a Plínio, Governador da Ásia Menor, na Bitínia, exigindo que lhe dissesse o que havia de verdade nas acusações. Plínio era homem recto e bom, e a sua resposta escrita em 110 A. D., e que constitui um documento da máxima importância para o nosso conhecimento da Igreja da época, foi a seguinte:

«Os cristãos são de ambos os sexos, de todas as classes sociais, e de todas as idades; de facto são tão numerosos que os cultos nos templos romanos ficam desertos e os ritos abandonados».

Plínio descreve como examinou alguns cristãos que tinham abjurado a sua fé e que tinham prestado as honras de costume prescritas para o Imperador. Disse que os apóstatas confessavam o seguinte:

«Que, num certo dia marcado, antes de nascer do Sol, reuniram-se e cantavam hinos a Cristo como se fosse a um Deus; e que os cristãos fizeram

voto de se abster de furtos, roubos e adultérios, de cumprir a sua palavra dada ao vizinho; prometeram sempre restituir prontamente qualquer importância confiada a eles em depósito da parte dos vizinhos. Depois da reunião, saíam da casa mas logo entravam outra vez para tomarem parte numa refeição, que, de facto, era comum e com toda a inocência». (John T. Tucker)

De Corinto, cidade grega, e uma das mais importantes do Império Romano, caracterizado pela sua riqueza, cultura, dimensão (cerca de 700.000 habitantes, metade deles escravos), idolatria e imoralidade, lemos os seguintes relatos:

«A cidade não tinha apenas a fama de riqueza e cultura; também se tornou famosa em maldade e corrupção moral. Era sede de uma aviltante modalidade de culto a Vénus, bem como de outros cultos licenciosos originários do Egipto e da Ásia. “Viver à Coríntia” ou “corintizar” queria dizer, nos dias de Paulo, viver em luxúria e licenciosidade. Tornaram-se igualmente proverbiais expressões como “banquete coríntio” ou “bebedores coríntios”.» (C. R. Erdman) «O templo de Afrodite tinha mil sacerdotisas que eram também prostitutas consagradas ao templo.» (C. N. Beggs). Elas percorriam a

cidade e chamavam assim as almas para os cultos pagãos que incluía a mais baixa depravação humana.

Quando Paulo chegou a esta cidade lutou contra tudo e contra todos, com as armas e com o poder de Deus, provocando uma verdadeira revolução na urbe e na vida dos seus habitantes. Paulo foi um instrumento de Deus para alvoroçar o mundo.

Outros relatos da época:

TERTULIANO, escrevendo pelo ano 200 da Era Cristã, assim se expressa em defesa do Cristianismo: “Embora sejamos noviços de não longa data, temos enchido todos os lugares de vossos domínios – cidades, ilhas, comunidades, concílios, exércitos, tribos, senado, o palácio, as cortes de justiça. E se os crentes tivessem espírito de vingança, seu grande número seria ameaçador, pois é apreciável, não só nesta ou naquela província, mas em todas as regiões do mundo.”

Em 110 Inácio faz uma alusão a pastores que se fixavam nos confins do mundo. Antes de 180 o Cristianismo já se havia espalhado rapidamente na Ásia Menor e no Egipto. Lemos também de igrejas na África do Norte, França, Alemanha, Trácia e

Tessalônica. Mas o grande crescimento numérico de crentes foi verificado nos anos 260-303. Deste período Eusébio escreve: “Quem poderia descrever aqueles vastos agrupamentos de homens que se uniam para Cristo, e a grande afluência nas casas de culto? Por cuja causa, não contentes com os velhos edifícios, erigiam espaçosas igrejas em todas as cidades.”

Hamack calculou que em 303 a população de crentes na Ásia Menor era quase metade da população total e que, espalhados por todo o Império, formavam uma avultada minoria.

Poderíamos multiplicar os testemunhos. Mas a ideia da revolução que o Cristianismo trouxe na vida da Época é suficientemente clara. O Cristianismo não só salva as almas, mas salva os próprios sistemas onde as almas estão inseridas.

Outros relatos, mais recentes, testemunham como, após reavivamentos da Igreja, o mundo, a cultura e o sistema foram influenciados e alterados para melhor e bem de todos.

No entanto, temos que reconhecer que o mundo reatou o seu percurso de degeneração, e nós vemos impotentes para alterar o rumo das coisas. Será que os dias são piores, e

as adversidades maiores que aquelas que a Igreja viveu em outros tempos?

Certamente que faltam homens do calibre da Actos 17:6 – que criem alvoroço. Homens revolucionados com a salvação de Deus e dispostos a transmitir esta revolução.

Não confundam revolução com reacção. Nos dias que correm há muitos reaccionários e poucos revolucionários. Reaccionário é aquele que se opõe ao sistema; Revolucionário é aquele que altera o sistema.

As pessoas que criam alvoroço, são aquelas que criam incómodo no sistema. E, quando isso acontece, é normal que o sistema reaja contra elas. As Escrituras testemunham que todas as almas que confiaram no Senhor, e quiseram fazer a sua vontade, foram um incómodo: seja no mundo, seja no seio do Povo de Deus (Israel), seja na Igreja de Deus.

Assim aconteceu com Abraão no Egípto, Lot em Sodoma, Israel entre os cananeus, Elias em Israel, O Senhor Jesus Cristo entre os judeus, Paulo no mundo! E nós, aonde?

Alguns destes foram considerados loucos para o mundo, mas sábios para Deus (I Cor. 1); recusaram ser amigos do mundo, para serem amigos de Deus (Tia. 4:4). Foram almas que não se conformaram com o mundo (Rom.

12:1-2), nem o amaram (I Joa. 2:15-17), e por isso o mundo os perseguiu (II Tim. 3:12). E o testemunho de Deus é este: «Dos **quais o mundo não era digno...**» (Heb. 11:38).

Será que estamos a ser um incómodo no mundo? Ou o mundo sente-se bem com a nossa presença? E esse sentimento é recíproco? Gostamos nós de estar no mundo (sistema)? Se a nossa vida é como as vidas do mundo, então não somos alvoroço! E, se não somos alvoroço no mundo, é porque algo vai muito mal em nós! Precisamos que Deus crie este alvoroço nas nossas vidas, pois só seremos um alvoroço no mundo se as nossas vidas forem revolucionadas por Deus.

Lamentavelmente as vidas dos membros das igrejas não marcam a diferença no mundo. Antigamente, os cristãos eram facilmente reconhecidos. As palavras de Paulo: «Aquele **que invocar o nome do Senhor, aparte-se da iniquidade**» (II Tim. 2:19) eram levadas a sério. Hoje, as vidas dos crentes não incomodam a ninguém... nem ao inimigo das nossas almas: o diabo.

Os crentes da Igreja primitiva tinham começado do nada – do zero – do ponto de vista humano. Mas tinham as armas de Deus e o poder de Deus. E, por isso mesmo, o Evangelho tinha

chegado a todo o mundo (Col. 1:6), e alcançado a toda a criatura (Idem, 1:23). A fé cristã tinha chegado a todo o mundo (Rom. 1:8). Simplesmente impressionante.

Esta forma de actuar alvoroçou todo o mundo: uma nova doutrina, uma nova mentalidade, uma nova cultura, uma nova forma de vida, uma nova ética, um novo sistema foram impostas ao mundo. E tudo isso alterou o rumo dos seus acontecimentos.

Quando lemos as escrituras e vemos a vida destes santos de Deus, e olhamos a história, e observamos como tudo testemunha a seu favor – não das pessoas, nem da sua fé, mas d' Aquele que os guiava – só nos resta lamentar pela forma como estamos aquém dos valores normais do Cristianismo.

Olhemos mais para O Senhor e busquemo-lo com mais determinação.

«Reaviva-nos, Senhor, segundo a Tua Palavra» (Salmos 119:25).

Para Meditar...

«Porque sete vezes cairá o justo, e se levantará; mas os ímpios tropeçarão no mal.»

(Pro. 24:16).

Às Nossas Irmãs...

A Galeria das Mulheres de Deus!

Romano 16 é uma verdadeira galeria de mulheres de Deus. É um capítulo que refere 11 mulheres, que são como os ONZE APOSTOLOS para as irmãs, e as distingue com uma saudação, que é um verdadeiro louvor. No meio de grandes homens, que estiveram no grupo da frente, na luta pelo Evangelho, elas não passaram despercebidas, nem desiludiram aqueles que confiaram no seu trabalho, mas marcaram a diferença na igreja e entre outras mulheres.

Muitas mulheres houveram nos seus dias, ilustres e de grande projecção social. Mas delas, hoje, nada sabemos: a sua fama morreu com elas. Porém, destas, é o próprio Deus que dá

testemunho delas, e os seus nomes ficam gravados para a eternidade.

Se Salomão dizia: «*Achei uma coisa mais amarga do que a morte: a mulher*» (Ecl. 7:26), Paulo podia dizer: «são *muito úteis no ministério*!»! E estas palavras, que poderíamos colocar na boca de Paulo, jogam a seu favor contra aqueles que pensam e dizem que Paulo era machista. Aqui ele reconhece e valoriza o trabalho da mulher na obra de Deus.

Outro facto importante, é o lugar que as mulheres ocupavam no ministério da Graça. Elas, nesta Dispensação não estão debaixo da Lei, nem são consideradas com um estatuto abaixo do homem. Em Cristo «não há masculino nem feminino» (Gál. 3:28. Não falamos do ponto de vista doutrinário, mas devocional). Não há razão para haver complexo de inferioridade, porque na obra de Deus somos todos iguais.

Temos, ainda aqui, uma antevisão do que será o Tribunal de Cristo. Este rol de irmãs estão a ser julgadas aqui.

E que vemos? A descrição dos seus erros? Não. Mas o louvor do seu trabalho. Não queremos dizer que elas não os tivessem, ou os varões que com elas trabalharam. Elas não se deixaram vencer por qualquer fraqueza, nem afectaram o seu trabalho no Senhor. Isso, são coisas que não contam para Deus. E, assim acontecerá no Tribunal de Cristo: não será para condenar o crente, em função das suas fraquezas, mas será para louvor, na proporção do seu trabalho no Senhor.

Neste ministério feminino, podemos nos aperceber da diversidade de actividades que elas tinham. Hospedavam crentes e Igrejas (1-2), cooperavam (3-5), trabalhavam (6), acompanhavam os apóstolos com as suas famílias para os ajudar nas necessidades domésticas (3-5), ou eram simples companheiras de prisão (7). Um ministério que Deus honra não precisa de ser popular ou visível. Algumas destas mulheres nem eram conhecidas das igrejas; nunca ouvimos nem vimos falar delas, senão aqui. No entanto, tinham um ministério extraordinário. De

todas é dito que **TRABALHARAM!**

Nomeemos estas ilustres irmãs:

1. **Febe** (Vers. 1. Heb. “Puro”; Gr. “luz de Lua”). O seu nome reproduz bem a sua identificação com O Senhor, como membro da sua Igreja. Uma mulher e uma vida que se recomenda.

2. **Priscila** (Vers. 3. Heb. “Velha”, “Antiga”). É um nome que fala da sua maturidade e experiência espiritual. Como precisamos do ministério destas irmãs (Tito 2);

3. **Maria** (Vers. 6. Gr. “Exaltada”, “Forte”). O N.T. fala de 7 Marias. Todas elas activas no trabalho de Deus. Aqui é dito o suficiente: que **trabalhou muito!** Como o seu nome indica, foi uma mulher forte e resistente.

4. **Júnia** (Vers. 7. Gr. “Moça”, “Jovem”). Presume-se que fosse da família de Paulo e mulher de Andrónico. Foi companheira de Paulo na prisão. O seu nome reflecte uma crente activa e energética no serviço do Senhor (Rom. 12:11);

5. **Trifena** (Vers. 12. Gr. “Delicada”). Revela um espírito calmo e paciente no serviço;

6. **Trifosa** (Vers. 12. Gr. «Brilhando, às vezes»). É um nome que a identifica com o testemunho: «*brilhando como astros no mundo*» (Fil. 2:15).

7. **Persida** (Vers. 12. Gr. “que corta”, “Destroi”). Parece que esta irmã se distinguia pelo seu zelo, integridade e imparcialidade. Atributos muito importantes nos dias que correm.

8. **A Mãe de Rufo** (Vers. 13). É uma mulher incógnita, mas que Paulo teve prazer de se identificar com ela. Paulo chama-lhe mãe. Mas supõe-se que se refira a ela como “uma mãe” que ela foi para Paulo. É deste tipo de mulheres que faltam na obra: verdadeiras mães, para termos filhos dignos, que se distingam dos filhos comuns; e mulheres que sejam como mães nas igrejas, com os seus conselhos, experiência e exemplo, que seja um verdadeiro ensino a todos: homens e mulheres.

9. **Júlia** (Vers. 15. Lat. «Macia»). Numa sociedade de

correrias, de azafama, e inquietações, como é importante irmãs que sejam exemplo na sua forma «macia» de estar em sociedade.

10. **A Irmã de Nereu** (Vers. 15). Outra incógnita. Esta não é uma mãe incógnita, como a mãe de Rufo; mas é uma irmã incógnita. Por vezes estamos muito preocupados com protagonismo. Mas Deus que vê secretamente, recompensará publicamente (Mat. 6:4,6);

11. **Olímpia** (Vers. 15. Gr. «Celestial»). Esta irmã era reconhecida pela sua identificação com as coisas que são de cima.

Estimadas irmãs, como é que vos identificais no trabalho de Deus? Qual é o testemunho de Deus a vosso favor?

Deus nos ajude com estes exemplos, e levante mais mulheres dignas do nome e da obra de Deus.

«Mas do Senhor vem a mulher prudente»
(Pro. 19:14)

DARWIN

O QUE NÃO DIZEM DE DARWIN!

Nem os biógrafos de Charles Darwin, nem os escritores da teoria da Evolução, narram a seguinte história ocorrida nos últimos dias de Charles Darwin, contada por Lady Hope, de Northfield, Massachusetts:

«Aconteceu numa gloriosa tarde de Outono quando fui convidada a visitar Charles Darwin. Ele estava acamado, tendo assim ficado meses até à morte. Erguendo-se da cama com o apoio de almofadas, a sua face parecia inundada de prazer quando entrei no quarto.

Ele levantou a mão para a janela a fim de assinalar o belo pôr do sol que se esboçava no horizonte, enquanto que com a outra mão segurava uma Bíblia aberta, que estava sempre a estudar. “O que é que está a ler agora?”, perguntei. “Hebreus!”, respondeu-me. “Ainda estou a ler Hebreus, o Livro Real, como o costume chamar.” Depois, apontando com o dedo para certas passagens, comentou-as. Aludi, então, a algumas opiniões de peso expressas por muitos sobre a história da Criação, e depois aos seus comentários sobre os primeiros capítulos do Livro de Génesis. Ele pareceu desolado, os seus dedos contraíram-se nervosamente e sua face irradiou um sentimento de agonia, quando disse:

«Eu era jovem e com ideias disformes. Levantei interrogações, fiz sugestões, assombrando-me sempre com tudo; e para meu espanto essas ideias espalharam-se, como o fogo tocado pelo vento. As pessoas fizeram delas uma religião». Fez a seguir uma pausa, e depois expressou mais algumas frases sobre a Santidade de DEUS, e sobre a grandeza daquele Livro. Olhando para a Bíblia que, com ternura, segurava durante todo aquele tempo disse: «No jardim tenho uma casa de Verão onde cabem cerca de trinta pessoas; é ali (apontou na direcção da janela). Quero que fale ali muito. Eu sei que você lê a Bíblia às pessoas nas aldeias. Gostaria que amanhã à

tarde alguns servidores do lugar, alguns locatários, e alguns vizinhos, se reunissem lá. Falar-lhes-ia? «Sobre que é que lhes falaria?» - perguntei. «CRISTO JESUS» - replicou ele logo, numa voz clara e enigmática, acrescentando num tom mais baixo - «e da sua salvação. - Não é o melhor tema? E depois quero que cante alguns hinos com eles. Você traz consigo o seu pequeno instrumento, não traz?» - A radiância que a sua face emanou quando disse isto, jamais me esquecerei; depois ele acrescentou: «Se a reunião principiar às três da tarde, esta janela estará aberta, e saberá que me unirei a vós nos cânticos.»

In Embaixador, Vol. 7, n.º 4 – 1991.



Quem Crê

Imaginei na realidade dum sonho
Descobrir porque me tenho visto
Enfrentar o mundo escuro e medonho,
Prosseguir corajoso com o escudo de Cristo
Compadecer-me sempre chorando das
tantas criaturas.

Que fogem da sua conviva e terna mão
Acreditando com todas as suas forças na ficção
Sendo as suas verdades autênticas loucuras
Querendo até pagar o que Ele já pagou
Esquecem como esqueceu o traidor Judas
A grande certeza que Deus ao mundo doou
Que quem crê no seu Filho se salvou.

Para Meditar...

«Deus escreve com uma pena que nunca borra, fala com uma língua que nunca se engana, e actua com uma mão que nunca falha.»



“Porque, se Deus não poupou os ramos naturais, teme que não te poupe a ti também.” (Rom. 11:21)

O Grande Mistério...

**“Grande é este mistério;
digo-o, porém, a respeito de
Cristo e da Igreja...”**
(Efésios 5:32).

UNIDADE

***“Procurando guardar
a unidade do Espírito pelo
vínculo da paz.”***
***“Até que todos chegemos
à unidade da fé.”***
(Efé. 4:3, 13)

Unidade do Espírito e Unidade da Fé

O Plano de Deus para a presente Dispensação é definido por uma unidade. É uma unidade perfeita, e desenvolvida numa pluralidade completa. É o que temos neste texto de Efésios 4:3-6, um Corpo, um Espírito, uma Esperança, um Senhor, uma Fé, um Baptismo e um Deus (7 coisas). É uma unidade múltipla, ou expressa em multiplicidade, e contrasta com o Plano de Deus para a

Terra para Israel que é divisível por Doze: doze Patriarcas, doze Tribos, doze Apóstolos, doze Tronos, doze Anciãos, doze tempos, etc.

(Doze Tempos – sub-dispensações para o mundo, ou seja, o plano de Deus para o mundo tem doze etapas:

1. Tempo do Género Humano – da Inocência (Gén. 2:25);
2. Tempo Adâmico – do homem caído, e da Consciência (Gén. 3:22);
3. Tempo das Noético – das Nações (Gén. 10:32);
4. Tempo Hebraico – da Promessa a Abraão e descendência (Gén. 12:1-3);
5. Tempo Israelita – da Lei (Exo. 19:5-6);
6. Tempo Davídico – do Reino Prometido (II Sam. 7:16);
7. Tempo Gentílico – do Reino Suspenso (Dan. 9:24; Luc. 21:24);
8. Tempo Messiânico – do Reino Anunciado (Luc. 16:16);
9. Tempo Pentecostal – do Reino Oferecido (Act. 3:19-21);
10. Tempo do Juízo das Nações – do Reino Reatado (Rom. 11:25);
11. Tempo Milenial – do Reino Implantado (Apo. 11:15);
12. Tempo Eterno – do Reino Habitado (II Ped. 3:13).

Todos estes momentos se concretizarão no Reino Milenial, para a Terra e com Israel.)

Mas, que Unidade é que temos aqui?

Não é por acaso que esta palavra “Unidade” só é usada duas vezes em todo o Novo Testamento, e só ocorre neste capítulo IV de Efésios. E por uma simples razão: É que estas

qualidades espirituais são indissociáveis. Não pode haver Unidade do Espírito se não houver Unidade da Fé, e a Unidade da Fé realiza-se na Unidade do Espírito.

Mas, para sermos mais objectivos, diremos que a Unidade do Espírito e a Unidade da Fé são uma e a mesma coisa, mas vistas de perspectivas diferentes.

A Epístola aos Efésios debruça-se precisamente neste Tema da Unidade. Esta Epístola pode ser dividida em duas partes: a parte teórica ou doutrinária (I – III), e a parte prática ou devocional (IV – VI). Por outras palavras: a primeira parte fala da Unidade da Fé, e a segunda parte da Unidade do Espírito.

Relativamente a cada uma das partes, podemos ainda subdividir da seguinte forma:

Parte I – Unidade do Plano de Deus (Cap. I - 1:10), e a diversidade das Pessoas envolvidas: Deus Pai (1:3-6), Deus Filho (1:7-12) e Deus Espírito Santo (1:13-14);

- Unidade da Obra (Cap. II – 2:15), e a diversidade dos ministérios de Deus: Pai (2:1-10), Filho (2:11-18) e Espírito Santo (2:19-22); e,

- Unidade da Revelação (Cap. III – 3:2), com a diversidade dos meios: Filho (3:1-6), Pai (3:7-13) e Espírito Santo (3:14-21).

Parte II – Unidade do Corpo (Cap. IV:7-16) e a diversidade dos dons; a - Unidade do Andar do Corpo (IV:17-5:21) e a diversidade do andar: como filhos (5:1), como luz (5:8) e como sábios (5:15); a

- Unidade da Família Cristã (5:22-6:9) e a diversidade dos seus membros; e, por fim, a

- Unidade do Combate Espiritual (6:10-20) e a diversidade do armamento.

Quanto à Fé, entendemos que, na linguagem Paulina, esta palavra nem sempre se refere à atitude de crer ou confiar. Fé, nas Epístolas de Paulo pode-se referir ao “objecto” da fé, ou seja, a fé subjectiva, ou o facto ou a pessoa onde colocamos a fé. É a fé “corpo de doutrina”. É o ensino onde a nossa fé se fundamenta. Como por exemplo:

“Pelo qual recebemos a graça e o apostolado, para a **obediência da fé**, entre todas as gentes, pelo Seu Nome...” (Rom. 1:5); e: “Um só Senhor, **uma só fé**, um só baptismo.” (Efé. 4:5); e: “Arraigados e edificados nele, e **confirmados na fé**, assim como fostes ensinados, nela abundando em acção de graças.” (Col. 2:7); e: “Nem se dêem a fábulas ou a genealogias intermináveis, que mais produzem questões do que dispensação de Deus (assim no gr.), **que consiste na fé**; assim o faço agora.” (I Tim. 1:4); e: “Guardando o **mistério da fé** numa consciência pura.” (I Tim. 3:9), entre muitas outras referências que encontramos nas Escrituras.

Desta Fé é que Paulo se ocupa nos primeiros capítulos de Efésios, desenvolvendo a doutrina que corresponde à Igreja “Corpo de Cristo”, desde o Plano preconcebido por **Deus** na Eternidade (Cap. 1), à forma como ele foi realizado por

Cristo (Cap. 2), passando pela maneira como ele foi revelado pelo **Espírito Santo** à Igreja (Cap. 3). É o Varão Perfeito (maduro, completo – que contrasta com o primeiro varão, o Adão), o Filho de Deus, a medida da estatura completa de Cristo (“Corpo de Cristo” – o Varão de Deus – Col. 3:10-11).

Entretanto, há um facto que faz a divisão da Epístola: o Espírito Santo. No capítulo III, e antes de abordar a vida prática, o andar deste corpo, o apóstolo ora para que os santos sejam cheios, corroborados pelo Espírito Santo no homem interior (3:14-21), capacitando-nos para andar segundo a vocação com que fomos chamados (4:1). E este é que é o andar que guarda a unidade do Espírito, cuja forma se refere nessa parte da Epístola, e desenvolve-se em várias vertentes: (1) na Igreja, com os dons (4:7-16), na sociedade com a ética espiritual (4:17-5:21), na família (5:22-6:9), e com os adversários espirituais (6:10-20). Esta é a Unidade do Espírito.

Sintetizando, consideramos que a Unidade do Espírito é aquilo que Cristo fez e o Espírito Santo aplica nos crentes, e está desenvolvido nos primeiros capítulos de Efésios (I-III): “O Varão de Deus”, o “Corpo de Cristo”. A Unidade da Fé é o ensino de Deus acerca dessa obra: a Igreja “Corpo de Cristo”. Guardar a Unidade do Espírito é viver de acordo com a Unidade da Fé, segundo o ensino dado por Deus à Igreja. A primeira é a Verdade Essencial; A

segunda é a Verdade Teórica acerca da Igreja; a última é a Verdade Prática para a Igreja.

Por isso é que o apóstolo, depois de falar da Unidade do ensino acerca da Igreja – Plano, Obra e Revelação (1-3), diz para vivermos nessa unidade. E, para isso, ora para que O Espírito Santo nos corrobore para vivermos na unidade da Fé. Daí que esta Unidade, na perspectiva prática, seja chamada Unidade do Espírito – pois não só o Espírito Santo a consumou, como só por Ele é que a podemos guardar.

Unidade ou Uniformidade...

A Unidade de que estamos a falar é a Unidade da Igreja “Corpo de Cristo”, e por isso, é uma unidade realizada pelo Espírito Santo, quando nos baptiza em Cristo, formando um corpo (I Cor. 12:12-13; Efé. 1:13). Esta unidade é uma unidade de povos: união entre Judeus e Gentios, só possível em Cristo (Efé. 2:14-16), uma unidade de propósitos (Idem, 1:9-11), uma unidade de pessoas: não há masculino nem feminino, servo ou livre... (Col. 3:10-11), e uma unidade de vocações e ministérios (I Cor. 12:12), que é expressa na comunhão dos santos, na Ceia do Senhor: pois somos um só pão (I Cor. 10:16-17).

Ora, nós somos exortados a «guardar» esta unidade: a unidade que Cristo realizou e que o Espírito Santo aplicou nas nossas vidas em Cristo. Nunca somos chamados a fazer a unidade. Isso seria impossível ao

homem, pois faz parte da Obra da redenção de Deus. Devemos é guardá-la, protegê-la e preservá-la.

Por vezes ouve-se de «fazer a unidade entre os cristãos». Neste propósito está empenhado o movimento ecuménico, no qual integram algumas assembleias protestantes, mas nada tem a ver com a unidade que tratamos. Isso não passa de uniformidade. É uma união exterior, formal, organizacional, composta por sistemas e organizações religiosas, e em nada se relaciona com a Unidade da Igreja. A uniformidade que assistimos a erguer-se nos nossos dias é uma união do tipo da Torre de Babel (Gén. 11): construiu-se uma cidade (governo humano), com um nome comum (denominação universal), e uma torre que fale do céu (espiritual). Essa é o tipo de união que caracteriza a “Grande Babilónia”, a “Grande Prostituta” espiritual, onde se concentram todas as religiões e denominações humanas.

Unidade e uniformidade, de facto, parecem termos que se reportam à mesma coisa, mas são distintos. Unidade tem a ver com factores essenciais, íntimos; uniformidade corresponde a uma união exterior, formal.

Os crentes são exortados a guardar a Unidade do Espírito, e não a fazer uma uniformidade. Somos recomendados a conservar a Unidade da Igreja, e não a agredi-la, criando divisões e sendo motivo de conflito no

meio do Povo de Deus. E, a forma para o fazer é pelo vínculo da Paz.

A paz, não é a paz humana, a ausência de conflitos ou a tolerância. Esta paz é aquilo que Cristo fez (fazendo a paz – 2:15), é o que Ele anunciou (evangelizou a paz – 2:17), e o que Ele é: a Sua própria Pessoa (2:14 – Ele é a nossa paz). Por outras palavras, a nós só nos cabe conservar o que Cristo fez, e respeitar o que o Espírito Santo operou.

Procurando Guardar

Se é verdade que somos exortados a guardar a Unidade do Espírito – a Unidade que o nosso Senhor Jesus Cristo realizou e que o Espírito Santo operou em nós, também não deixa de ser verdade que muitos têm-se empenhado em na contrariar. Ninguém pode desfazer esta unidade, mas podem não a viver. A comunhão do “Corpo” torna-se impraticável. Em I Cor. 3:17 Paulo diz que, **“se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá”**. E alguns têm-no tentado com condutas nada condizentes com a vida de Fé que aprendemos de Paulo, ou com doutrinas que nada tem a ver com a Fé, como “corpo de doutrina”. Paulo, nas suas Epístolas dá exemplos dessas atitudes contrárias à doutrina do “Corpo”.

Como já referimos, estas duas vertentes da Unidade da Igreja são indissociáveis. Não podemos falar da Unidade do Espírito sem falar da Unidade da Fé. E desta aferência

constatamos que muitas igrejas e crentes não conseguem guardar a Unidade do Espírito porque desconhecem a Unidade da Fé, não têm conhecimento do Varão Perfeito, nem chegaram à medida da estatura completa de Cristo.

Se queremos guardar a Unidade do Espírito, procuremos conhecer melhor a Unidade da Fé, o ensino da Igreja desta Dispensação, para melhor nos integrarmos na Igreja e no mundo, sabendo usar os dons que O Senhor nos deu (4:11-13), vivendo na sociedade de acordo com os padrões morais que caracterizam esta revelação – a forma espiritual deste corpo (4:20-21); viver dignamente em família, temendo a Deus, amando e sujeitando-nos aos membros da família (5:22-6:9), e lutando por estas verdades contra as hostes espirituais da maldade (6:10-20).

Esta é a explicação que encontro para responder ao facto das igrejas estarem cada vez mais divididas: no seu seio, e umas com as outras: Primeiro, ainda não atingiram a Unidade da Fé; segundo, e se o atingiram, não vivem de acordo com o ensino que caracteriza essa unidade. Temos, assim, uma realidade teórica (saber, “saibais” – Efé. 1:18), e uma realidade prática (ser, “sejais” – Efé. 3:16).

Mas isso não é novo. Já nos dias de Paulo isso acontecia. A Igreja em Corinto era uma igreja dividida por falta desta Unidade da Fé. Eles puseram em causa o apostolado de

Paulo (Cap. 9), questionando as diversas doutrinas, nomeadamente da ressurreição Cap. 15), e viviam de forma indigna dessa Unidade, em imoralidade (5-6).

O mesmo se passou com a Igreja na Galácia. Foi uma Igreja que questionou o apostolado distinto de Paulo, em relação aos doze (Cap. I), e a doutrina que Deus o encarregou de anunciar à Igreja (Cap. II). Por isso vemos ali uma igreja com conflitos internos e com problemas graves ao nível da conduta espiritual (Gál. 1:15-2:9; 5:15-21).

Alguns outros supostos crentes viveram separados desta unidade pela mesma razão, nomeadamente Alexandre, o latoeiro, e Himeneu (I Tim. 1:20), Figelo e Hermógenes (II Tim. 1:15), entre outros, que abandonaram a Paulo e à sua doutrina, naufragando na fé (I Tim. 1:19), pelo que tiveram de ser separados desta unidade prática.

Não haverá plena unidade entre as igrejas, ao nível da comunhão (e não devemos buscar a separação), se não houver unidade ao nível da Fé, do ensino acerca do Plano de Deus para a Igreja. E, estaremos em melhores condições de guardar esta unidade do Espírito, na medida que estejamos mais próximos da Unidade da Fé.

Para o efeito, o Senhor nos ajude, e O Espírito Santo nos encha, corroborando-nos, para usarmos melhor os dons que nos deu para atingirmos a maturidade espiritual da

Fé, vivendo cantando e salmodiando ao Senhor nos nossos corações, como famílias consagradas e em constante combate espiritual.

Unidade e Diversidade

A Unidade do Espírito Santo é indestrutível: é a Obra de Deus, foi feita por Ele, e só depende d' Ele. A Unidade da Fé é indestrutível: é a Palavra de Deus, foi elaborada por Ele e só depende d' Ele.

No entanto, quando procuramos transportar isso para a prática, vemos que isso é complicado para nós. Não conseguimos «guardar a unidade do Espírito», e não atingimos o conhecimento de Deus, «a unidade da Fé».

Que fazer? Como resolver esta antinomia?

A diversidade do “Corpo” é a resposta para este problema. É a diversidade dos dons que ajudam o corpo a crescer; é a diversidade dos membros que torna grande o louvor de Deus; é a diversidade das bênçãos que nos enriquece a nós; é a diversidade dos aspectos da conduta cristã que melhor testemunha os propósitos de Deus. E, neste domínio é que temos de nos consciencializar mais: temos que respeitar os diferentes dons e procurá-los para a Igreja; temos de alcançar mais membros, mais almas para Deus; temos de gozar mais as bênçãos de Deus. Se não vivermos nessa linha, certamente que ficaremos

sempre aquém do Plano de Deus para as nossas vidas, quer como pessoas, quer como igrejas.

Rom. 12:3-8; 15:1-7 (“uns aos outros”), I Cor. 12-14; Efé. 4:15-16.

«E, sobre tudo isto, revesti-vos de amor, que é o vínculo da perfeição. E a paz de Deus, para a qual também fostes chamados em um corpo, domine em vossos corações; e sede agradecidos. A Palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao Senhor com graça em vosso coração.» (Col. 3:14-16)

VPP

Colaboradores:

PDF, ASC, SL, VPP e outros.

© **Copyrights:** Não há. São autorizadas as referências, citações e divulgação da revista e dos artigos nela publicados, desde que seja citada a fonte. Todos os artigos são da responsabilidade da “Igreja” que se reúne em Oleiros.

Redactor:

Vítor Pereira do Paço
Correspondência a enviar para:

Eclesi'Astes

Apartado 135

4501 Anta ESPINHO Codex

Local na Internet:

www.eclesiastes.pt

Net-endereço:

eclesiastes@eclesiastes.pt